

MARX EM HESSEN: UM CAMPO COMPLEXO E EM DISPUTA¹

MARX IN HESSEN: A COMPLEX AND DISPUTED FIELD

*Joachim Hirsch*²

Recebido em: 07/2019

Aprovado em: 11/2019

Resumo: O Estado alemão de Hessen foi o cenário de importantes discussões e produções teóricas a partir do pensamento de Marx. O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, onde se desenvolveu a chamada Teoria Crítica é, talvez, a referência mais conhecida. Mas também no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Frankfurt, no Instituto para Estudos e Pesquisas Marxistas, igualmente de Frankfurt, assim como na Universidade de Marburgo e no Escritório Socialista, na cidade de Offenbach, foram elaboradas importantes contribuições. De certo modo as divergências teóricas que se tornaram explícitas nestes núcleos de estudo, pesquisa, debate e produção teórica, expressam questões e desafios até hoje não resolvidos. Democracia e emancipação são temáticas que receberam abordagens exemplarmente antagônicas em Frankfurt e Marburgo. Todas, no entanto, ocupam-se com temas a partir da pertinência e da insuficiência do pensamento de Marx enquanto instrumento de compreensão e transformação da realidade. [Resumo do tradutor].

Palavras-chave: Emancipação; democracia; marxismo; capitalismo.

Abstract: In the German state of Hessen, in its most diverse cities, other localities and institutions, were the scenes of important discussions and theoretical productions of Marx's thought. The Institute for Social Research in the city of Frankfurt, where the so-called Critical Theory developed, is perhaps the most well-known reference. But also at the Department of Social Sciences of the University of the same city, at the Institute for Marxist Studies and Research in Frankfurt, as well as at the University of Marburg and the Socialist Office in the city of Offenbach, important contributions were made. In a way, the theoretical divergences that have become explicit in these nuclei of study, research, debate and, theoretical production express unresolved issues and challenges. Democracy and emancipation are themes that have received exemplary antagonistic approaches in Frankfurt and Marburg. All, however, deal with themes from the relevance and insufficiency of Marx's thought as an instrument of understanding and transformation of reality. [Editor's translation].

Keywords: Emancipation; democracy; marxism; capitalism.

¹ Publicado anteriormente em Joachim Hirsch, Marx in Hessen: ein komplexes und umkämpftes Feld. *Links-netz*, S. 1-5, Aug. 2018. Verfügbar unter: http://old.links-netz.de/K_texte/K_hirsch_hessenmarx.html. Tradução do alemão: Rosalvo Schütz, professor de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel (Alemanha). Bolsista produtividade do CNPq e Pós-doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Agradeço a Paulo Denisar Fraga pelas sugestões e indicações. Revisão da tradução: Luciano Cavini Martorano. [N.T.].

² Professor emérito de Ciência Política da Universidade J. W. Goethe de Frankfurt am Main (Alemanha). E-mail: j.hirsch@soz.uni-frankfurt.de

O que, afinal de contas, Marx tem a ver com Hessen?³ E com democracia e emancipação, como está anunciado no programa deste evento?⁴ Marx não era um hesseano, mas, conforme sua nacionalidade, um prussiano. Se esteve alguma vez em Hessen, não se sabe ao certo. E com o seu conhecido e revolucionário camarada da época nascido em Hessen, Georg Büchner, nunca se encontrou.

O título do evento se refere, portanto, àqueles que estiveram ativos política e cientificamente em Hessen, e que se basearam e continuaram a desenvolver a teoria de Marx. Destes, de fato, existe um bocado de gente. A referência a Marx e à sua obra, no entanto, foi muito diferenciada e, por vezes, em parte, teórica e politicamente bastante oposta. O título, portanto, indica também um campo bastante conflituoso e em disputa.

A “história de Marx em Hessen” evidentemente não se inicia apenas na época posterior à Segunda Guerra Mundial. Ao menos teria de ser lembrado o Instituto para Pesquisa Social (IfS) de Frankfurt dos anos 20 e 30. Este não esteve ligado apenas a nomes como Max Horkheimer e Theodor Adorno, assim como, mais tarde, a Herbert Marcuse, mas, entre outros, também com Hendryk Grossmann, Carl Grünberg, Otto Kirchheimer, Franz Neumann, Friedrich Pollock e Arkadij Gurland. Naquela época o Instituto também participava da publicação das *Obras completas de Marx-Engels (MEGA)*. Entre os integrantes do Instituto já existiam interpretações muito diferenciadas de Marx e, em parte, discussões acirradas sobre ela. Assim, por exemplo, no caso das controvérsias sobre teoria do Estado, em que Horkheimer e Pollock estavam de um lado, e Kirchheimer e Neumann de outro lado. Deve se assegurar, no entanto, que depois que Horkheimer assumiu a direção do Instituto, foram postas as bases essenciais daquilo que mais tarde se passou a indicar como marxismo “ocidental” em contraposição ao marxismo soviético ou que, também, de uma forma um pouco mais depreciativa, foi indicado como “marxismo-hegeliano”.

No que se refere a Hessen, a história do pós-guerra é fortemente marcada pelo retorno de Adorno e Horkheimer e do Instituto para Pesquisa Social à Frankfurt, e também pela nomeação de Wolfgang Abendroth na Universidade de Marburgo. Ambos se tornaram importantes centros para a elaboração de uma teoria apoiada em Marx. Além disso, em Frankfurt não existia apenas o Instituto para Pesquisa Social. Também no Departamento 03, de

³ Composto um dos estados da Alemanha, Hessen tem entre suas cidades Frankfurt, Marburgo, Offenbach e Kassel. [N.T.].

⁴ O texto resulta de exposição do autor na mesa intitulada “Emancipação, democracia e Marx: retrospecto e perspectiva”, que teve lugar em 21/04/2018, no evento “Marx em Hessen: encontro por ocasião do bicentenário de Karl Marx”, realizado na Universidade Goethe em Frankfurt, com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo. [N.T.].

Ciências Sociais, da Universidade, formou-se um significativo trabalho de pesquisa sobre Marx. Nisso é de se lembrar de Iring Fetscher com Helmut Reichelt e Gert Schäfer, seus assistentes de então, bem como Hans-Georg Backhaus ou Jürgen Ritsert. Além de Alfred Schmidt e Hans-Jürgen Krahl. Mais tarde, no Departamento de Ciências Sociais, também foi publicada a coleção de ensaios *Sociedade: Contribuições para a teoria de Marx*.⁵

Como se sabe, a questão do que a teoria de Marx tem a ver com a emancipação e a democracia não pode ser respondida de modo simples, especialmente quando recordamos que a referência a Marx também foi utilizada para a legitimação de ditadura e opressão. A emancipação por meio de ditadura partidária é simplesmente uma contradição em si. Mas mesmo abstraindo disso, haviam interpretações bem diferenciadas de sua obra. Isso está relacionado com o fato de que a obra de Marx não é homogênea, nem pronta e acabada. E os textos marxianos nem sempre estão à altura da nossa época, como quando tratam das relações de classes no capitalismo desenvolvido, ou do significado dos novos desenvolvimentos tecnológicos para a teoria do valor ou das novas formas do imperialismo. Outra questão sempre polêmica diz respeito à sua teoria das crises, até hoje muito instigante. Tampouco pode-se encontrar na sua obra uma teoria do Estado desenvolvida. Praticamente não são mencionadas relações relevantes de exploração e opressão como o racismo e o sexismo, assim como a crise da relação com a natureza. Da mesma forma, faltam reflexões teóricas psicológicas e subjetivas. Em seu conjunto, a obra de Marx é toda perpassada pelo otimismo do progresso e pela esperança de um desenvolvimento libertador das forças produtivas característico do século XIX. E a referência à dialética do esclarecimento foi algo reservado a pensadores posteriores.

No nosso contexto me parece importante afirmar que Marx não foi apenas um estudioso da sociedade burguesa, e também não apenas um político revolucionário, mas, acima de tudo, um intelectual revolucionário. Com ele se abriram novas dimensões do pensamento crítico – na sequência direta de Hegel – e, por isso, sua obra oferece, compreendida corretamente, bases importantes para uma teoria e uma práxis crítica e emancipatória. Para tanto ela precisa não apenas continuar sendo desenvolvida, mas também ser submetida a uma leitura crítica aliada a uma reavaliação das experiências históricas. Mas nisso Marx de forma alguma está sozinho. Pois, neste contexto, é necessário confrontar-se também com outros aportes teóricos não marxistas, como os de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, os das próprias teorias feministas e mesmo com a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, ou com a teoria de Max Weber.

⁵ Referência à coleção *Gesellschaft. Beiträge zur Marxistischen Theorie*, lançada pela editora Suhrkamp, cuja sede era em Frankfurt e agora está em Berlim. [N. do revisor].

Especialmente interessante é que na tradição teórica marxista praticamente não existe nenhuma confrontação séria com o anarquismo, o qual, afinal de contas, também é uma teoria com pretensões revolucionárias e emancipatórias.

Tendo em vista esta situação teórica complexa não é de se admirar que se tenha chegado a interpretações e aplicações tão diferenciadas da teoria de Marx, e isto, em parte, perpassado por confrontos políticos intensos. Eles também desempenharam um papel nesse próprio evento. Assim, Roland Roth se contrapôs a que fossem postos no mesmo nível análises tão diferenciadas como o marxismo ortodoxo, orientado pelo socialismo de Estado, e o marxismo aberto e não dogmático, expresso pelo termo “Hessen”. De que, portanto, quase que retrospectivamente sob o rótulo da emancipação e democracia se pudesse imaginar algo como uma frente teórica de esquerda. Isto tem a ver com a relação entre o “Instituto para Estudos e Pesquisas Marxistas” (IMSF), a contribuição de Marburgo, a Escola de Frankfurt, ou também a do Escritório Socialista (*Sozialistisches Büro*⁶), que na época estava localizado em Offenbach, os quais, no que diz respeito ao que se haveria de compreender por democracia e emancipação, não só desenvolveram concepções teóricas muito diferenciadas, como de fato também politicamente opostas. Roth argumenta que numa perspectiva emancipatória se trata, sobretudo, de libertar a teoria de Marx, enquanto teoria crítica, dos escombros do marxismo ortodoxo. Levando em conta a situação em Hessen, em certo sentido, “Marburgo” e “Frankfurt” representam exemplarmente essa diferença. Mas sobre isso não precisamos entrar em detalhes agora, especialmente porque as oposições de certa forma se amenizaram com a derrocada do socialismo de Estado.

No momento não festejamos apenas os 200 anos de Marx, mas também o cinquentenário do movimento de 68. E isto é importante pelo fato de que a este movimento também está ligado um grande aumento da recepção de Marx. A propósito, ele também me levou a me ocupar com Marx – mesmo que posteriormente. O movimento estudantil contribuiu essencialmente não apenas para democratizar mais a Alemanha pós-guerra e pós-fascista, como também para pôr a discussão sobre a emancipação em uma base muito mais ampla. Nele, e justamente na crítica à Marx e ao marxismo, o novo feminismo e a crítica das relações com a natureza têm uma importante raiz. Simultaneamente também se intensificaram os assim chamados confrontos que se expressaram sob formas organizativas teórico-políticas muito diferenciadas – como os

⁶ Organização socialista fundada na cidade de Offenbach, objetivava principalmente construir a unidade das esquerdas na Alemanha. Dentre outros, contou com a participação de Oskar Negt, Elmar Altvater e Rudi Dutschke. [N.T.].

partidos e grupos comunistas (*K-Gruppen*⁷), os espontaneístas (*Die Spontis*⁸), ou também o Escritório Socialista. Com o esvaziamento do movimento estudantil e com o desenvolvimento dos assim chamados Novos Movimentos Sociais, o campo teórico e político se modificou substancialmente. A questão da emancipação envolvendo as relações de gênero e com a natureza foi tematizada a partir de uma base totalmente nova. Por fim, um ponto decisivo foi a derrocada do sistema soviético, por meio do qual algumas das tradicionais controvérsias, de certo modo, se resolveram por si mesmas. E atualmente nós nos confrontamos com a permanente crise global, agravada em vários sentidos, do capitalismo transformado pelo neoliberalismo e suas consequências sociais, o que, ao menos, trouxe Marx de volta aos jornais, até mesmo no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.⁹

Em seu conjunto, o campo teórico-político do assim chamado marxismo é atualmente muito mais aberto do que nos anos 60 e 70. Isso, no entanto, sob as condições de um forte *rollback* político e teórico desde os anos 90. Praticamente ninguém acredita mais que se possa fundamentar uma práxis política emancipatória recorrendo à teoria de Marx. Não obstante, ela permanece sendo uma base essencial para isso. Não por último, o conhecido dito de Marx, e que está citado no anúncio desse evento, da necessidade da transformação das relações sociais, é de singular atualidade, tendo em vista que a contradição entre possibilidades sociais e sua realidade talvez nunca tenham sido tão evidentes quanto hoje.

Tanto a partir de Marburgo quanto de Frankfurt ocorreram, no período posterior, importantes desenvolvimentos teóricos. Como, por exemplo, as pesquisas teóricas sobre o imperialismo e a Europa em Marburgo, ou as análises sobre as teorias da regulação e do Estado em Frankfurt. Neste último caso, se trata antes de tudo de elaborar uma parte nuclear da teoria marxiana, ou seja, o conceito de forma social e, com isso, se contrapor a uma leitura economicista do marxismo.

Entretanto, no decurso do *rollback* neoliberal nas universidades, os pontos centrais do debate se deslocaram substancialmente. O Instituto para Pesquisa Social praticamente não tem mais papel algum em relação à teoria de Marx e na Universidade de Frankfurt esse campo foi simplesmente eliminado. Um exemplo disso foi a posição da decana do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Frankfurt diante da exigência dos estudantes por uma

⁷ Grupos comunistas com certa independência do Partido Comunista, na maioria de inspiração maoísta e com origem nos movimentos estudantis dos anos 60. [N.T.].

⁸ Compreendia grupos políticos de oposição extraparlamentar, que acreditavam, sobretudo, na espontaneidade das massas como força revolucionária. [N.T.].

⁹ Jornal tradicional alemão, ligado aos grandes grupos políticos e econômicos do país. [N. do revisor].

disciplina sobre Teoria Crítica: alegando que não se poderia satisfazer todos os desejos, que a Teoria Crítica não seria mais tão importante e que existiriam outras análises teóricas posteriores mais significativas. Tendo em vista a situação das Ciências Sociais em nosso Estado, esta é uma declaração bastante notável. Em contraposição a isso existe, ao menos, algo como um deslocamento das áreas de concentração para Kassel, Viena ou para outra escola superior de Frankfurt.¹⁰

Por fim, mais algumas observações sobre o significado da teoria de Marx hoje.

Como já dito, uma teoria crítica da sociedade atual precisa ir além de Marx. É significativo que, no que diz respeito à teoria das classes, as atuais linhas de conflito transcorram de modo diferente daquele prognosticado por Marx. No que diz respeito ao proletariado, há, por um lado, a crescente desigualdade nos centros capitalistas e, por outro lado, o fenômeno de que os proletarizados da periferia não veem mais sua libertação numa revolução, mas sim em deixar seu país e migrar para os países centrais, para, assim, também poderem usufruir do “modo de vida imperial” (Brand/Wissen)¹¹ aí disseminado. Isso novamente conduz ao conflito atualmente dominante entre os emigrantes e os que defendem justamente esse modo de vida. Assim, as duas linhas de conflito se conectam. Mas, aí dificilmente se pode reconhecer algum potencial revolucionário.

Este movimento migratório, entre outras coisas, é um efeito da “globalização”, que foi tão acertadamente previsto no *Manifesto comunista*. Isto, no entanto, também é um sinal da surpreendente flexibilidade do capitalismo, o qual sempre consegue se organizar novamente atravessando as grandes crises. Desse modo, a atual forma de globalização não precisa representar uma fase final. Os sinais de uma renacionalização são inconfundíveis, ligados à possibilidade de guerras devastadoras, as quais sempre foram um elixir vital do capitalismo. Um certo limite objetivo do capitalismo é difícil de ser estabelecido. O que conduz à questão sobre o que se entende como “movimento real” com o qual Marx, de modo muito preciso, designou o comunismo.

Falta, portanto, uma explicação de por que, apesar das crises e dos fenômenos de desintegração social, não existe um movimento revolucionário. Para tanto são necessárias reflexões teóricas sobre a questão do sujeito, como a que diz respeito a como, depois da crise

¹⁰ Referência à Frankfurt University of Applied Sciences (ou, em alemão, Hochschule für Angewandte Wissenschaften), com mais de 15 mil estudantes e mantida pelo governo de Hessen. [N. do revisor].

¹¹ Referência ao livro de Brand e Wissen (2017), *Imperiale Lebensweise: zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus (Modos de vida imperiais: sobre a exploração do homem e da natureza nos tempos do capitalismo global)*. [N.T. e do revisor].

do fordismo e no curso da ofensiva neoliberal, a afirmação de si mesmo e da capacidade de se impor individualmente tomou o lugar dos esforços por mudanças sociais. Isso se relaciona também com a mudança estrutural da esfera pública, causada pelas tecnologias de comunicação apoiadas pela Internet, como no caso das chamadas mídias sociais. A democratização da esfera pública – à qual praticamente cada um e cada uma têm acesso – que, de certa forma, está ligada a isso, aos poucos está se tornando uma séria ameaça à democracia liberal. Portanto, isso também é uma contradição. De modo que o desenvolvimento do populismo de direita tem aí uma causa essencial. Com isso, o conceito de indústria cultural, formulado por Horkheimer e Adorno, adquire dimensões totalmente novas.

Caso se leve a sério os conhecimentos sobre a teoria do Estado relacionados a Marx, então a atual orientação política de grande parte da esquerda, fortemente vinculada ao Estado e ao partido, representa um certo problema. E isto porque, seguindo-se a abordagem teórica de Marx, uma mudança fundamental da sociedade não é possível por meio do Estado existente. Porque ele é parte integral das relações de produção capitalistas. Isto não depõe contra uma política de esquerda voltada para o Estado e para o partido, mas evidencia a questão sobre qual é o seu terreno mais importante. Gramsci indicou que a sociedade civil é o lugar onde ocorrem as lutas hegemônicas e onde a hegemonia é estabilizada. Portanto, seriam necessárias iniciativas da sociedade civil, ou seja, aquilo que Marcuse caracterizou como revolução cultural. Também dela, tendo em vista o dominante *neobidermeierismo*¹², não se reconhece mais quase nada. Nas atuais atividades em alusão a 68, o ímpeto cultural-revolucionário desse movimento, no melhor dos casos, ainda é tematizado na forma de alguns excessos bizarros.

Tendo em vista as experiências históricas, seria de suma importância se afastar da compreensão de revolução limitada às categorias de uma tomada do poder estatal. Em relação a isso, nós formulamos o conceito de reformismo radical¹³. Isto com consciência de que o processo revolucionário é longo, que precisa se voltar para as raízes das relações sociais, para as relações sociais dominantes indo até as relações familiares e de gênero, os valores dominantes e chegando até a representação daquilo que significa uma “vida boa”. Isso não pode ser uma prescrição estatal, mas exigirá iniciativas sociais, das quais, em todos os casos, muito

¹² Pelo termo *Bidermeier* compreende-se o período histórico-cultural da Alemanha situado entre o fim das guerras napoleônicas e o revolucionário ano de 1848. Foi um momento de “restauração cultural” que frustrou muitas das esperanças despertadas pela Revolução Francesa. Para Joachim Hirsch, após um período de florescimento cultural e de esperanças que decorreu do movimento de 68, entrou em cena uma tendência regressiva e muito parecida à daquela época. Conferir artigo do autor sobre o tema (Hirsch, 2017). [N.T.].

¹³ A propósito, ver o verbete “*Radikaler Reformismus*” (Hirsch, 2007). Além da análise feita em seu livro *Teoria materialista do Estado* (Hirsch, 2010, capítulo 4, item 3, p. 279-ss). [N.T. e do revisor].

pouco se pode reconhecer atualmente.

Portanto, a teoria de Marx e sua tradição ainda oferece uma base importante e central para uma política emancipatória e democrática. Seria válido não apenas torná-la fértil em toda a sua abrangência, como continuar a desenvolvê-la e confrontá-la com novos fenômenos sociais e econômicos. Isso exige também um debate crítico sobre ela. As comemorações em torno de Marx e do movimento de 68 não podem nos iludir sobre o fato de que nós estamos vivendo tempos muito áridos teórica e, mais ainda, politicamente. Talvez, justamente por isso seja possível celebrar de modo tão bonito em toda a parte. Sabendo que a história muitas vezes gera conjunturas bastante inesperadas e que oportunamente ocorrem acontecimentos totalmente inesperados. Isto, ao menos, nos permite ter esperança.

Referências

BRAND, U.; WISSEN, M. **Imperiale Lebensweise**: zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus. München: Oekon, 2017.

HIRSCH, J. Neo-Biedermeier. **Links-netz**, S. 1-5, Jan. 2017. Verfügbar unter: http://www.links-netz.de/K_texte/K_hirsch_biedermeier.html.

_____. Radikaler Reformismus. In: BRAND, U. et al. (Hrsg.). **ABC der Alternativen**: von “Ästhetik des Widerstands” bis “Ziviler Ungehorsam”. Hamburg: VSA, 2007. S. 182-183. Verfügbar unter: <https://www.rosalux.de/publikation/id/995/abc-der-alternativen/>.

_____. **Teoria materialista do Estado**. Trad. Luciano Cavini Martorano. Rio de Janeiro: Revan, 2010.